

EM TORNO DE UMA SUSPEITA ACIMA DE QUALQUER CIDADÃO

RESUMO

Leitura do conto Um homem de cabelos cinzas, de Roberto Drummond, enquanto caricatura da narrativa policial.

RÉSUMÉ

Une lecture du conte Um homem de cabelos cinzas, de Roberto Drummond, en tant qu'une caricature du récit policier.

O conto *Um homem de cabelos cinzas*¹, de Roberto Drummond, apresenta-se como conto-reportagem policial, isto é, possui as técnicas do texto policial, mas funciona também como reportagem. Alia o discurso sensacionalista policial ao discurso sensacionalista da grande imprensa.

Segundo Charles Grivel², o romance policial não é um inquérito, nem um relatório de um inquérito, nem a narração objetiva de um inquérito, mesmo fictício. Trata-se de um romance; isto quer dizer que não apenas o inquérito será falso, mas também que será "simulado". O romance é constituído por um inquérito fingido. O autor escreve o simulacro de uma caça ou de uma perseguição na realidade, contida dentro da narrativa, pela narrativa. Existe no romance policial a pretensão de se seguir passo a passo um saber que se funde lentamente, se complete e termine (quem matou?). O texto funciona como freio que impede o conhecimento. O leitor é enganado pelas pistas falsas: o saber, a verdade recua diante dele até o infinito do livro. Tem-se um jogo entre saber e ignorância, sendo a última operada perfeitamente pela narrativa. O jogo é truncado para poder funcionar justamente enquanto jogo. O livro policial não oferece um saber e sim a fragmentação de um saber, freio e ruptura da certeza. A intriga é feita para não ser sabida.

Em *Um homem de cabelos cinzas*, a situação é mais ou menos essa. E a trama se constitui a partir do seguinte: às primeiras horas da manhã de uma segunda-feira, um homem de cabelos cinzas começa a ser seguido no aeroporto Santos Dumont. Razão da suspeita e da "caça" a tal indivíduo: o homem de cabelos cinzas carregava "um misterioso objeto guardado exatamente em cima do coração" (p. 53), e, ao olhar para esse objeto que, vez por outra, tirava e examinava, os olhos do homem de cabelos cinzas

"brilhavam intensamente". Os dezessete homens que o espionavam nada conseguiram descobrir. "Apenas viram sua expressão de felicidade. E o acharam mais suspeito". (p. 53)

A partir desses dados, o texto se desenvolve em torno das hipóteses quanto à natureza do misterioso objeto causador de tamanha felicidade. O leitor é mantido na ignorância até o fim e, quando no final, o "crime" é desvendado, reconhece-se que não havia propriamente "crime". Descobre-se que o misterioso objeto que o homem carregava junto ao coração era simplesmente um fio de cabelo de mulher. Quando muito, portanto, tem-se um índice do crime, mas não propriamente o crime. Tal epílogo, na verdade, representa uma quebra da expectativa dentro do texto policial, que sempre termina por solucionar o crime.

Essa imagem do fio é interessante: com a descoberta do fio de cabelo tem-se, ao mesmo tempo, a descoberta do "fio" da narrativa, isto é, desvenda-se parcialmente o mistério que motivara toda a busca.

Nota-se que, nesse epílogo, já existe um tom desmitificador: o objeto não corresponde, de forma alguma, às suspeitas levantadas. Ele é infinitamente inferior a elas. Mesmo porque o verdadeiro crime do homem de cabelos cinzas estava no olhar de felicidade que ele estampava e não no objeto que carregava.

A fragmentação do saber, característica do policial, está também presente no conto. É ela que, de fato, dá forma ao texto. Pode-se assim dizer que a fragmentação da verdade no policial está para a fragmentação da narrativa, no conto, como está para a fragmentação da informação (existem várias manchetes que não se completam). A fragmentação, enfim, aparece em vários níveis. Até as suspeitas são fragmentadas: os agentes têm opiniões as

mais diversas quanto ao misterioso objeto.

A fragmentação prende-se, assim, à intertextualidade. Há vários discursos que se cruzam no texto, de que resulta uma visão carnavalizada. Do discurso jornalístico, encontram-se desde política internacional (nas hipóteses levantadas quanto ao misterioso objeto são evocados fatos e figuras do mundo político, como Yasser Arafat, Mao Tsé-tung, Henry Kissinger, Eva Perón, Moshe Dayan, Che Guevara, Fidel Castro, Salazar, Nixon, etc.) até horóscopo ("que era do signo de Escorpião, que só lia seu horóscopo no dia seguinte, com receio das previsões" - p.54). Do discurso de romance policial, podem-se destacar desde o clichê do título, até expressões comuns àquele discurso, como: "Qual era o misterioso objeto que ele acariciava em cima do coração" (p. 54); "Tem uma loura envolvida..." (p. 54); Há implicações internacionais. Além da loura, um indivíduo chamado Günter Grass também está envolvido..." (p. 54), etc.

Além disso, nota-se o gosto pelo detalhe. O detalhamento, presente em todo o conto, assinala a preocupação com a veracidade, com a precisão. Isso aparece de forma bem evidente, por exemplo, neste fragmento:

Os 42 espões, agora acrescidos de mais 3 travestis e de 2 agentes da Interpol, que passavam férias-prêmio no Rio de Janeiro, descobriram que o homem de cabelos cinzas usava meia Lupo verde de Cr\$6,00, sapato Samelo nº 39 de Cr\$180,00, cueca Champion com fio da Escócia, cor bege, de Cr\$32,00, gravata vermelha, presente de um banqueiro, a quem não conheciam, descobriram que tinha uma cicatriz de uma operação de apêndice feita em 1961, uma unha torta no pé esquerdo, uma marca de chuteira (da qual se orgulhava muito) no joelho esquerdo, que sofria de aerofagia, que seu estômago roncava, que tinha 3 verrugas nas costas, que se sentia mal dentro de elevador, que era viciado em chupar pastilhas de Cepacol (naquela hora pôs uma na boca), que fumava 42 cigarros Hollywood sem filtro por dia, que seu relógio Omega custou Cr\$2.238,00 (...) (p. 54).

Essa precisão é estatística, logo está dentro da ideologia

consumista. Nota-se ainda que o exagero progressivo dos detalhes é inversamente proporcional à importância do crime. Na realidade, o que ocorre, no conto, é a investigação do contexto e não, uma investigação do crime, o que representa uma nova quebra quanto aos padrões do "verdadeiro" romance policial. A gratuitidade de detalhes, dessa forma, aponta para o caráter caricaturesco do texto. A caricatura, cuja marca está exatamente no exagero dos traços, de elementos mais característicos, é, afinal, o que define o conto. Dela resulta um efeito cômico e crítico.

Segundo Luis Felipe Baêta Neves, em seu artigo A Ideologia da Seriedade e o paradoxo do coringa³, a comicidade deve ser encarada como "forma específica do conhecimento do social e, ainda mais, como forma renegada e estigmatizada de leitura crítica da opressão"⁴. Ele diz ainda: "Se a piada, a observação jocosa em geral, não fosse 'séria', ou seja, se não se referisse acuradamente a fatias da realidade, não haveria riso. São rimos porque a piada nos revelou - ampliando ou diminuindo características do real - alguma coisa de modo fabulado, surpreendente, inesperado"⁵.

Também Henri Lefebvre, salientando a ironia como um traço da modernidade, diz que "o ironista representa uma comédia; a do não-saber e do falso conhecimento. Sustenta um papel. Usa uma máscara. E esta é sua maneira de desmascarar os papéis. Ele diz o falso (e que ele sabe falso) para chegar ao verdadeiro. Sustenta o papel da alienação para se desalienar e desalienar os outros. Ele se encarrega desse mau papel e finge em caso de necessidade a má fé, superando-a com o fingimento e superando ao mesmo tempo a grande simplicidade fingida ou real, a da boa consciência"⁶.

A saída para a caricatura, neste conto de Roberto Drummond, aponta pois para uma leitura da própria realidade brasileira de um determinado momento de sua história⁷, assim como para uma denúncia da dominação cultural de nosso país.

O exagero, próprio da caricatura, como já se disse antes, marca todo o conto. É o que se nota, por exemplo quanto ao número de agentes que espionam o homem de cabelos cinzas, número esse sempre crescente. Inicialmente dezessete, eles vão gradativamente se transformando em trinta e dois, quarenta e dois, até chegarem a cinquenta e oito.

Outro exagero pode ser notado nas informações que os agentes conseguem sobre o homem de cabelos cinzas⁸, que são dados minuciosos mas que não têm nada a ver com o esclarecimento que se buscava, isto é, o mistério do objeto que o homem carregava. Tais informações, na realidade, vão funcionar como "pistas falsas", características do texto policial.

Da mesma forma, o exagero está presente na lista de suspeitas levantadas pelos agentes sobre o misterioso objeto. Aqueles admitiam que o mesmo podia ser:

- A água-marinha Marta Rocha, avaliada em alguns milhões de dólares: 46 suspeitas
- Uma comprometedora carta de amor de Farah Diba ao líder guerrilheiro palestino Yasser Arafat: 17 suspeitas.
- O coração de Gina Lollobrigida, transplantado pelo dr. Christian Barnard: 4 suspeitas.
- O vírus da gripe Vietcong: 9 suspeitas.
- Uma carta de amor de Mao Tsé-tung para Henri Kissinger: 3 suspeitas
- Um bracelete de ouro pertencente ao espólio de Eva Perón com a inscrição "Acuendate de Acapulco", seguida da assinatura de Augustin Lara: 3 suspeitas.
- A fórmula sintética da felicidade: 21 suspeitas.
- A fórmula secreta do petróleo sintético: 39 suspeitas.
- Um diamante que Richard Burton deu a Elizabeth Taylor, depois de uma briga: 9 suspeitas.
- O olho direito de Moshe Dayan: 2 suspeitas.
- Uma efígie de Ernesto Che Guevara, desenhada por

Pablo Picasso, com um botãozinho para apertar e tocar uma música de Theodorakis: 3 suspeitas.

- Uma carta de amor de Jacqueline ex-Kennedy para Fidel Castro, destinada a despertar ciúmes em Onassis, e citando a música "I will", de Lennon e McCartney, no trecho "Desde sempre te amei e bem sabes que ainda te amo": 3 suspeitas.

- O nome do próximo Papa: 9 suspeitas

- Um plano destinado a implantar o comunismo na Rússia, organizado por Mao Tsé-tung: 3 suspeitas.

- Uma carta apócrifa de Salazar propondo a Nixon a troca do Brasil por Porto Rico, em nome de Dom João VI, desde que Nixon entregasse a Portugal Heddy Lamar, Ivonne de Carlo, Veronica Lake e a macaca Chita: 3 suspeitas.

- A resposta de Nixon a Salazar, dizendo "Lamento muito, mas os holandeses me vendem mais barato": 2 suspeitas.

- A pedra filosofal: 39 suspeitas.

- Uma carta de amor de Richard Burton a Sofia Loren: 4 suspeitas.

- Um cheque de 30 mil dólares: 13 suspeitas.

- O horóscopo do general Augusto Pinochet prevendo o dia e hora de sua morte e a roupa que estará usando na hora, e a bala que o matará, com um convite (já impresso) para a missa de 79 dia: 14 suspeitas.

- Um plano da Rússia para bombardear Nova Iorque minuciosamente preparado com a ajuda do Pentágono: 2 suspeitas.

- O pacto assinado entre o Kremlin e o Vaticano: 19 suspeitas.

- Um comprimido de LSD: 54 suspeitas.

- O raio da morte: 19 suspeitas.

- A fórmula da Coca-Cola: 6 suspeitas.

- Uma carta de amor do generalíssimo Stroessner ao não menos generalíssimo Franco: nenhuma suspeita.

(p.55-56)

Como se vê, as suspeitas são as mais variadas e a lista assume um caráter absurdo, levando a relacioná-la com aquela famosa classificação da enciclopédia chinesa citada por Borges e referida por Foucault no prefácio de As palavras e as Coisas⁹. Tal lista apresenta-se mesmo como um novo "Samba do Crioulo Doido"¹⁰ da história política mundial, provocando o riso pela aproximação de fatos e nomes sem relação. Mas é preciso ter-se um pouco de "siso", buscando-se ver um sentido nessa série de paradoxos e que só pode ser, como já se afirmou antes, uma crítica à nossa sociedade.

Outro índice de exagero no conto pode ser buscado nos pró-

prios agentes, também eles extremamente medrosos, o que se explicita através do exagero de orações rezadas durante a viagem. Primeiramente, encontra-se:

Quando, graças à ação de 33 Ave-Marias, 49 Padre-nossos, 68 Salve-rainhas, 21 Novenas Poderosas ao Menino Jesus de Praga, e 71 Creio em Deus Padre, rezados pelos espíões [...] (p.55)

No final do conto, as orações reaparecem, mas já multiplicadas:

Quando, enfim, graças a suas duas poderosas turbo-hélices e a 839 Ave-marias, 516 Padre-nossos, 401 Salve-rainhas, 191 Creio em Deus Padre, 83 Novenas Poderosas ao Menino Jesus de Praga, o Samurai pousou naquele chão [...] (p. 57).

O conto Um homem de cabelos cinzas define-se, pois como uma caricatura da estória policial. Enquanto tal, em vez de apresentar o herói típico dessas estórias, apresenta um bando de agentes medrosos.

Mas o ritual policial é mantido. Charles Grivel¹⁾ nos diz que inquérito, perseguição, descoberta, prisão fazem parte desse ritual.

O romance policial é um espetáculo, que é também exorcismo: uma sociedade tem medo. Põe em cena aquilo de que tem medo. O espetáculo é sem significação, mas a 'espectabilidade' instrui e ensina".

O espetáculo aqui é o próprio conto e a "espectabilidade", a reprodução da sociedade de consumo.

NOTAS

1. DRUMMOND, Roberto . Um homem de cabelos cinzas. In: — A morte de D. J. em Paris. São Paulo, Ática, 1975. Todas as citações seguidas do número de página referem-se à presente edição.

2. GRIVEL, Charles. Observation du roman policier. IN: ARNAUD, Noël et alii. Entretiens sur la paralittérature. Paris, Plon, 1970, p.229-258. A tradução é da autora.
3. NEVES, Luis Felipe Baêta. A ideologia da seriedade. In: NEVES, Luis Felipe Baêta et alii. O riso e o cômico. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, 1: 35-40, ano 68, 1974, p.36.
4. idem, p. 36.
5. ibidem, p.36.
6. LEFEBVRE, Henri. Sobre a ironia, a maiêutica e a história. In: — Introdução à modernidade. Tradução de Jehovanira Chrysóstomo de Souza. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969, p. 14.
7. Deve-se lembrar, aqui, que o livro é de 1975.
8. Cf. citação da p.54.
9. FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Tradução de Antonio Ramos Rosa, Lisboa, Portugália Editora, p.3-13.
10. Samba do Crioulo Doido, composição de Stanislaw Ponte Preta.
11. GRIVEL, Charles. Op. cit., p.247. A tradução é da autora.